

O PARALELISMO DO CORPO E DA ALMA EM ESPINOSA

Acylene Maria Cabral Ferreira
USBA

Resumo: O objetivo deste trabalho é tanto esclarecer a concepção de Espinosa sobre o corpo e a alma como comentar seu paralelismo, explicitado no livro II da *Ética*.

Palavras-chave: Corpo, Alma, Idéia do corpo, Afecções do corpo, Movimento, Repouso.

Abstract: This paper aims to clarify the Espinosa conception about the body and the soul and to comment their parallelism explained in the book II of the *Ethics*.

Key words: Body, Soul, Idea of the body, Affections of the body, Movement, Rest.

Introdução

Espinosa expõe sua concepção do homem na *Ética*, livro II (“da natureza e da origem da alma”). Ao tratar sobre o que é o homem, o autor mostra concomitantemente que sua essência está na unidade do corpo e da idéia do corpo. Tal unidade representa o conjunto da atividade da consciência humana, atividade esta que sempre tem a possibilidade de tornar-se reflexiva. Por este motivo, esta parte da

obra encerra tanto uma visão antropológica — quando afirma que o homem é uma unidade do corpo e da alma —, como uma teoria do conhecimento — na medida em que a alma é uma atividade reflexiva que, ao ocupar-se das idéias das afecções do corpo, chega ao conhecimento verdadeiro. A ordem antropológica, explicitada no livro II, permite o desenvolvimento e a instituição da teoria dos afetos e da ordem existencial, expostas no livro III (“da origem e da natureza das afecções”). A essência do homem, que no livro II é a idéia do corpo, torna-se o desejo, no livro III. A idéia do corpo e o desejo são os dois aspectos essenciais e fundamentais da antropologia espinosiana. Embora sejam aspectos distintos um do outro, fundem-se em um só, resultando na noção do homem como idéia do corpo, que é em si mesmo o desejo: o esforço de perseverar no seu ser. “O desejo é o todo da consciência e a idéia do corpo é o todo do homem” (ROBERT MISRAHI, *Spinoza/Éthique*, p. 45)

Na filosofia de Espinosa, as ordens antropológica (livro II) e existencial (livro III) se fundamentam na ordem ontológica (livro I, “de Deus”). A fundamentação das duas ordens na ontológica institui a ordem ética (livros IV, “da servidão humana” e o V, “da liberdade humana”). É justamente a ontologia que dá condições ao desdobramento e à constituição de toda a ética espinosiana. Por isso, Espinosa desenvolve, inicialmente, a ontologia e, a seguir, a antropologia e a ordem existencial, com o objetivo de fundamentar uma ética.

Como o tema deste trabalho inclui a noção de corpo e alma em Espinosa, o nosso objeto de estudo será o livro II da *Ética*, porque é aí que o autor insere o fundamento, a origem, a constituição, a relação e o paralelismo do corpo e da alma. O problema propriamente dito do corpo humano e dos corpos em geral é tratado nas proposições X-XIII incluindo os 5 axiomas, 6 postulados e 7 lemas que vêm a seguir. As demais definições, axiomas, proposições, demonstrações, escólios, corolários esclarecem o que é a alma e desenvolvem a teoria do conhecimento de Espinosa. Porém, antes de expor a concepção espinosiana do corpo e seu paralelismo com a alma — que será tratado, aqui, em duas etapas: 1. a natureza dos corpos; 2. a origem e a ordem das idéias —, e para melhor compreensão da constituição e dinâmica de ambos, é conveniente que se retome alguns conceitos estabelecidas no livro I, já que ele é o fundamento ontológico da antropologia espinosiana.

No livro I, Espinosa afirma que Deus é uma substância única, causa de si e de todas as coisas. Deus, para ele, é Natureza Naturante e possui uma infinidade de atributos infinitos e indivisíveis, dentre os quais os homens percebem apenas dois: o atributo da Extensão e o do Pensamento. A realidade, para Espinosa, é uma seqüência de causas e efeitos. Assim sendo, Deus é causa dos atributos divinos, e estes são a causa dos modos infinitos imediatos (leis de movimento / repouso e entendimento / intelecto divino), que têm por efeito os modos infinitos mediatos

(o universo físico e o conjunto de todas as idéias); estes produzem os modos finitos (corpos e idéias/alma), os quais, por sua vez, causam-se uns aos outros. Através desta visão imanente da potência de Deus à realidade, ou seja, à essência do mundo, fica evidente que o homem é modo finito do atributo da Extensão e do Pensamento, posto que constitui-se de corpo e alma, e que juntamente com o mundo são Natureza Naturada. Conforme o autor, o homem é distinto de Deus, porque, primeiramente, não é substância, pois somente Deus o é, somente Ele é ser (cf. *E II*, prop. X). E em segundo lugar, porque a essência Deste requer a existência necessária, ao passo que a essência do homem não envolve existência necessária (cf. *E II*, ax. 1).

O corpo e a alma são ambos a mesma coisa: Natureza Naturada, isto é, modos finitos da substância divina, que exprimem a natureza absoluta de Deus enquanto coisa extensa e coisa pensante. Neste sentido, toda realidade é Natureza. Porém, corpo e alma diferem-se entre si enquanto são efeitos de dois atributos divinos (Extensão e Pensamento); aí eles representam duas modalidades distintas de uma mesma realidade (Natureza Naturante). Como para Espinosa “coisas que nada tenham de comum entre si, uma não pode ser causa da outra” (*E I*, prop. III), o corpo não pode determinar a produção das idéias e vice-versa. Os atributos são instâncias autônomas, responsáveis pelo desenvolvimento modal e causal realizado no seu interior, mas esta autonomia não lhes dá o direito de interferir na determinação causal do outro. Onde pode-se concluir que toda coisa singular existente é ou uma idéia ou um corpo, é a modalidade, a determinação causal do atributo da Extensão e do Pensamento.

1. A natureza dos corpos

A natureza dos corpos em geral e do corpo humano é determinada pelo modo infinito imediato da Extensão: leis de movimento e de repouso: “todos os corpos estão em movimento ou em repouso” (*E II*, ax. I). Espinosa estabelece que os corpos são simples ou compostos e têm o movimento e o repouso como propriedade comum; Da mesma forma que o movimento e o repouso são a característica comum que define todos os corpos, eles são também o seu fator de distinção, visto que “os corpos distinguem-se uns dos outros em razão do movimento e do repouso, da rapidez e da lentidão” (*E II*, lema I). Desta maneira, o movimento é o responsável tanto pela comunicação dos corpos entre si, isto é, pela união dos corpos, quanto pela diferença e separação dos corpos no interior do atributo da Extensão. Os corpos, como modo finito da substância, exprimem, através da causalidade do atributo da Extensão, a essência de Deus enquanto ele é coisa extensa existente.

Os corpos simples ou gerais, como todo corpo, distinguem-se por graus de movimento e de repouso. Entretanto, eles não apresentam duração na existência, como os corpos compostos, visto que são coisas não existentes em ato, são corpúsculos em perpétua vibração. O fato de os corpos simples não terem duração não significa que são irreais, ao contrário, os corpos simples são coisas reais, pois são partes da Extensão, posto que todo corpo é um modo determinado do atributo da Extensão. Os corpos são simples se comparados aos compostos, que demonstram a união de corpos: um indivíduo. Esta união de corpos impõe aos corpos compostos uma lei que rege seus movimentos segundo uma certa proporção de movimento e repouso. A união dos corpos e a proporção de movimento e de repouso é a regra que distingue um corpo composto do outro, ou seja, um indivíduo de outro qualquer. Por isto, os corpos compostos correspondem à existência de figuras corporais individualizadas e se comunicam com os corpos simples a partir do movimento e do repouso.

O que significa dizer que um indivíduo é uma união de corpos? Quer dizer que um indivíduo resulta das relações recíprocas, constantes e regulares de movimento, repouso, velocidade, lentidão e direção que muitos corpos mantêm entre si. Apenas enquanto estas relações permanecerem é que se tem um indivíduo. Caso contrário, se estas relações recíprocas, constantes e regulares se modificarem ou deixarem de existir, os indivíduos antes constituídos de uma determinada forma se modificam; dá-se outro indivíduo ou desaparece, no caso da dissolução dessas relações. Portanto, a individualidade é definida pela proporcionalidade e solidariedade de movimento e de repouso. Se esta proporcionalidade sofrer qualquer mudança, altera-se também a configuração dos indivíduos, isto é, dos corpos compostos. Isto implica em que a vida do corpo é afetar e ser afetado. O corpo, enquanto determinação da Extensão, é afecção do corpo.

Como a individualidade se caracteriza pela proporção e conjunção de movimento e de repouso (lei constitutiva do indivíduo), então várias coisas são consideradas indivíduo, e não apenas o homem. “O corpo humano é composto de um grande número de indivíduos (de natureza diversa), cada um dos quais é também muito composto”. “Dos indivíduos de que o corpo humano é composto, alguns são fluidos, outros moles e outros, enfim, duros” (*E II*, post. I e II). A partir destes postulados, pode-se afirmar que o corpo humano é um indivíduo que engloba em si diversos indivíduos, que por sua vez também são corpos compostos e totalizantes. Assim, o corpo humano consiste num sistema estável de indivíduos interdependentes, e “a Natureza inteira é um só indivíduo cujas partes, isto é, todos os corpos, variam de infinitas maneiras, sem qualquer mudança do indivíduo na sua totalidade” (*E II*, esc. do lema VII).

2. A origem e a ordem das idéias

As idéias são produto do modo infinito mediato do atributo do Pensamento, constituído pelo conjunto de todas as idéias. Esse modo é regido e causado pelo modo infinito imediato desse mesmo atributo: o entendimento/intelecto divino. Enfim, as idéias são modos finitos do atributo do Pensamento e exprimem a essência de Deus enquanto Ele tem conhecimento do mundo. As idéias fundamentam-se na substância divina e representam relações modais e causais do atributo infinito e indivisível do Pensamento, ao manifestar e exprimir a potência e a imanência da Natureza Naturante. A ocupação primeira e original da alma é formar idéias segundo um processo causal. O conhecimento do mundo é, portanto, um conhecimento das causas.

As idéias, para Espinosa, existem enquanto idéia do corpo e correspondem à alma humana, que é a expressão do intelecto divino. Assim como o corpo é um corpo composto de vários indivíduos, a alma é composta de muitas idéias, ela é idéia composta e é exatamente esta composição que confere à alma sua natureza individual. A alma é às vezes uma idéia ou um complexo de idéias. Enquanto determinação do Pensamento, ela é idéia da afecção do corpo e jamais percebe o corpo em si mesmo; somente o percebe quando o corpo é afetado por outros corpos, percebendo simultaneamente a natureza de seu corpo e de outros corpos. Do mesmo modo que a alma só percebe o corpo na medida em que ele é afetado, ela também só percebe os outros corpos na medida em que eles entram em contato com o corpo. A alma, como idéia da afecção do corpo, opera como uma percepção parcial e momentânea dele.

Talvez a proposição VII do livro II, ao afirmar que “a ordem e a conexão das idéias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas”, seja uma das passagens mais significativas da *Ética*, porque mostra, ao mesmo tempo, o desenvolvimento e a confirmação da doutrina monista da substância e a autonomia de seus atributos. Aqui, a potência de agir de Deus é equivalente à sua potência de pensar, prevalecendo uma identidade ontológica entre as coisas e as idéias. Desta forma, não há coisa existente em ato sem uma idéia que lhe corresponda. Daí decorre o paralelismo do corpo e da alma: o desdobramento das idéias corresponde a um desdobramento de acontecimentos corporais. Sentimos o corpo tal como ele existe, mas o percebemos e o conhecemos a partir da alma. Sob esta perspectiva, o corpo encontra-se submetido à alma, visto que é como idéia que o corpo pode ser percebido, e não como corpo; é a própria idéia que é o lugar da consciência do corpo, e não o próprio corpo.

A percepção de algo pela alma relaciona-se diretamente à atividade do corpo, às afecções do corpo: às modificações do corpo ao ser afetado por outros corpos. O corpo é o primeiro objeto da alma e, enquanto tal, é imagem particular da alma (idéia do corpo), pois nada pode chegar ao

corpo sem que a alma perceba. Percebemos afecções corporais, ou seja, imagens das coisas. A alma, como idéia do corpo, representa imagens através das quais as coisas exteriores se apresentam a nós como presentes, mesmo na ausência do corpo. “Chamaremos imagens das coisas as afecções do corpo humano cujas idéias nos representam os corpos exteriores como presentes” (E II, esc. da prop. XVII). Ainda neste escólio, Espinosa esclarece como a constituição da alma, enquanto idéia do corpo, nos fornece a essência do corpo. Ele diz que “a idéia de Pedro, que constitui a essência da alma de Pedro, e a idéia do mesmo Pedro que existe num outro homem, por exemplo, em Paulo” são duas coisas diferentes. Quando o corpo de Pedro entra em contato com outros corpos, Pedro sente seu corpo e forma a consciência ou a idéia de seu próprio corpo: uma imagem. Esta idéia ou imagem exprime a essência do corpo de Pedro, para ele, e existirá enquanto Pedro existir. Tem-se assim a constituição do corpo de Pedro como idéia do corpo e também como idéia das afecções do corpo. Mas, Paulo também pode ter a idéia do corpo de Pedro, no momento em que seu corpo for afetado pelo corpo de Pedro. Porém, a idéia que Paulo tem do corpo de Pedro constitui a alma e a essência do corpo de Paulo, e não de Pedro. E mesmo que Pedro não exista mais, Paulo através da imagem que ele tem do corpo de Pedro, que constitui a sua alma e faz parte da essência de seu corpo, pode considerar Pedro como presente. A idéia do corpo de Pedro, que constitui o corpo e a alma de Paulo, existirá enquanto Paulo existir. Assim, o desdobramento das idéias corresponde a um desdobramento de acontecimentos corporais. “Se o objeto da idéia que constitui a alma humana é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela alma” (E II, prop. XII).

A alma consiste numa atividade ideal na medida em que ela é a atividade de pensar o corpo (um objeto) e, por outro lado, o corpo torna o conteúdo desta atividade de pensar da alma. Este fato expressa o caráter imediato e transitivo operado entre o corpo e a alma, ao mesmo tempo que a alma é restituída à sua atividade dinâmica de pensar o objeto; é este último que lhe fornece condições de estabelecer a sua dinamicidade, ao lhe apresentar conteúdos sobre os quais possa pensar. Assim, “o objeto da idéia que constitui a alma humana é o corpo, isto é, um modo determinado da extensão, existente em ato, e não outra coisa” (E II, prop. XIII). O caráter imediato e transitivo do corpo e da alma insere a relação de interioridade e de simultaneidade estabelecida entre o corpo e a alma. A ligação interna entre eles está no fato de que a essência do corpo é o objeto a ser pensado pela alma, ao passo que a essência da alma é pensar o corpo (objeto). É a partir deste ponto de vista que a alma é idéia do corpo. Já a relação de simultaneidade acontece no momento em que a alma se define a si própria como idéia, na medida em que se liga ao corpo e o pensa (idéia do corpo). Através da relação de interioridade e de simultaneidade reafirma-se o paralelismo da alma e do corpo, visto que a alma não age sobre o corpo e este não

age sobre a alma, mas ambos exprimem conjunta e simultaneamente um mesmo acontecimento da Natureza divina em dois registros distintos, ou seja, duas séries paralelas, corpo e alma, que ao nível da substância formam um único acontecimento: o homem (Natureza Naturada) de uma única série: Deus (Natureza Naturante). Os atributos da Extensão e do Pensamento, por intermédio do corpo e da alma humana, exprimem simultânea e objetivamente a vida afetiva da substância (Deus).

Dizer que a alma é idéia do corpo implica em afirmar que ela é a idéia de um corpo composto, global, unificado e estável e, ainda mais, que ela é consciente do conjunto unificado desses elementos, ou seja, do indivíduo totalizado. A alma, como idéia do corpo, significa também que ela tem consciência dos movimentos operados no conjunto total do indivíduo. Nesse sentido, a alma é a idéia das afecções do corpo, isto é, das modificações da proporcionalidade e solidariedade entre o movimento e o repouso sofrida por um indivíduo ao entrar em contato com os outros corpos exteriores. Portanto, a alma enquanto idéia do corpo é, às vezes, idéia de um corpo como totalidade, um indivíduo, e aí ela é consciência do mundo, definindo assim o primeiro grau de consciência. Outras vezes, ela é consciência de si mesma, quando percebe as partes de seu corpo globalizado, na medida em que outros corpos o afetam; este seria o segundo grau de consciência da alma. Para Espinosa, é este segundo patamar da consciência que possibilita à alma refletir e conhecer o conteúdo da consciência e atingir o conhecimento verdadeiro ou as idéias adequadas. A alma, como idéia do corpo e como idéia das afecções do corpo, apresenta um caráter de unidade: indivíduo/corpo totalizado; e de dinamismo, na proporção em que o corpo é afetado por outros corpos e sua harmonia e equilíbrio de movimento e de repouso se alteram — idéias das afecções do corpo. Conhecer a verdade é, nesta perspectiva, refletir sobre a consciência do corpo, sobre as afecções do corpo.

Conclusão

Através do livro II da *Ética*, Espinosa demonstrou que o homem é uma unidade de alma e corpo, e não uma composição ou mistura da alma com o corpo. Por quê? Porque o homem é idéia do corpo e idéia da afecção do corpo e, como tal, conhecedor de um ser singular existente em ato, que é o próprio corpo e os corpos exteriores. Pois, como afirma Espinosa, “a primeira coisa que constitui o ser atual da alma humana não é senão a idéia de uma coisa singular existente em ato” (*E* II, prop. XI). A união do corpo e da alma é a própria essência do homem, e a causa da união da idéia e de seu objeto (corpo) é Deus — Natureza Naturante e substância única. Corpo e alma são modos, desdobramentos da substância divina, desdobramentos de acontecimentos corporais

e de idéias, que formam duas séries distintas que se unem numa única série: Deus.

Espinosa, ao expor a constituição da essência do corpo humano e da idéia deste corpo (alma), estabeleceu sua teoria antropológica. Como para ele a alma ou idéia do corpo existe enquanto este corpo ou indivíduo existir, pode-se dizer que sua visão antropológica desemboca numa ética da existência e da finitude, à medida que é o homem, enquanto modo finito da substância, quem constrói sua alegria e sua felicidade, acedendo assim ao transcendental e à eternidade. Através da alma como consciência, como idéia do corpo e das afecções do corpo, o autor expressa uma doutrina da unidade do corpo e da alma, que não é nada mais que uma teoria da interdependência e/ou do paralelismo do corpo e da alma. Como no pensamento espinosiano é a idéia das afecções do corpo que permite atingir o conhecimento verdadeiro do corpo, pode-se afirmar também que ela é a mediadora necessária entre a alma e o corpo. Isto é, refletir sobre a idéia das afecções do corpo é conhecer, verdadeiramente, o homem e o mundo.

Bibliografia

CRISTOFOLINI, P. *Spinoza Chemins dans L' "Ethique"*. Trad. francesa por Lorand Gaspar. Paris: PUF, 1996.

GUEROULT, M., *Spinoza, II - L'âme (Éthique, II)*. Paris: Aubier-Montaigne, 1974.

MACHEREY, P., *Introduction à l'Éthique de Spinoza, La deuxième partie: la réalité mentale*. Paris, PUF, 1997.

MISHAHI, Robert, *Le corps et l'esprit dans la Philosophie de Spinoza*. Paris: G. Dagli Orti, 1992.

_____, *Spinoza - Éthique*. Paris: PUF, 1990.

SPINOZA, *Éthique. Démontrée suivant l'ordre géométrique et divisée en cinq parties*. Traduction nouvelle avec notice et notes par Charles Appuhn, Paris: Éditions Garnier Frères (trad. bras. de Joaquim de Carvalho, Joaquim F. Gomes e Antônio Simões, *Ética*, "Os Pensadores", São Paulo, Abril Cultural, 1979).

Endereço da Autora:
Rua Barro Vermelho, 203 / 301
Rio Vervelho
41940-340 Salvador — BA